

Memória gráfica brasileira e arquivo ESDI: o digital como meio para história do design em rede

Brazilian Graphic Memory and ESDI Archive: the digital as means to networked design history

Guilherme Altmayer, Biatriz Silva de Sousa e Sousa, Carolina Guimarães, Gabriela de Paula Almeida, Laryssa dos Santos Reis

memória gráfica, história do design, conhecimento aberto, ESDI, arquivo digital

O presente artigo apresenta resultados de uma pesquisa em andamento no arquivo da Escola Superior de Desenho Industrial no Rio de Janeiro, que objetiva a digitalização e disponibilização do acervo da escola a partir de recortes curatoriais - temáticos e temporais - como estratégia de salvaguarda dos documentos analógicos, em estado precário de conservação, concomitante à ampliação do acesso a fontes históricas - memória gráfica - que conformam fragmentos da constituição do campo do design no Brasil. Para chegar ao descritivo da metodologia, que tornou possível criar um processo de duplicação e informação de evidências documentais para o espaço digital, discorreremos sobre a necessidade do aumento da presença de fontes histórias e historiografias sobre o design no Brasil de forma aberta na internet, localizando a ESDI no contexto da formação do campo do design, à luz dos seus 60 anos de história.

graphic memory, design history, open knowledge, ESDI, digital archive

This article presents the results of an ongoing research in the archive of the Escola Superior de Desenho Industrial in Rio de Janeiro, which aims to digitize and make available the school's collection based on curatorial decisions - both thematic and temporal - as a strategy for safeguarding analog documents in a precarious state of conservation, concomitant with the expansion of access to historical sources - graphic memory - that conform fragments of the constitution of the field of design in Brazil. To get to the descriptive of the methodology, which made it possible to create a process of duplication and information of documentary evidence for the digital space, we discuss the need for increasing the presence of historical sources and historiographies about design in Brazil in an open way on the internet, locating ESDI School in the context of the formation of the design field, in the light of its 60 years of history.

1 Introdução

O presente artigo apresenta resultados do projeto de Iniciação Científica e Prodência desenvolvido na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI/UERJ) denominado *História do Design via redes digitais de conhecimento aberto*¹, que objetiva desenvolver metodologias de

¹ <https://arquivoesdi.org/>

catalogação e salvaguarda, através do uso de meios digitais, do acervo documental e gráfico da escola, pioneira no ensino de graduação em design da América Latina, fundado em 1962, no Rio de Janeiro.

A popularização do uso da Internet, fenômeno intensificado a partir de meados dos anos 1990, e das tecnologias de informação e comunicação via dispositivos telemáticos, instaurou novas formas de nos relacionarmos com os saberes (Castells, 2009). Os meios digitais localizam a Comunicação e o Design de Informação no papel de intermediadores para o acesso a um gigantesco volume de conhecimento, permitindo a emergência da chave de articulação entre campos do conhecimento das Humanidades Digitais, campo que, segundo a pesquisadora Maria Fernanda Rollo (2020) se posiciona como meio de articulação para a salvaguarda e preservação do patrimônio digital; organização da informação; a articulação com outras áreas científicas; acessibilidade, disseminação e partilha do conhecimento (Rollo, 2020).

Neste sentido, mergulhar no arquivo e acervo da ESDI, que armazena milhares de documentos - vestígios de parte da história da formação do campo do design no Brasil, nos coloca um desafio: por onde começar? E também algumas indagações que norteiam o trabalho de investigação aqui descrito: porque é ainda tão escassa a disponibilidade de fontes históricas - acervos, coleções, fundos - em ambientes digitais? Como fomentar, entre estudantes de graduação, a partir de práticas projetuais do design, a importância do cuidado com vestígios de memória gráfica e o desenho de estratégias de salvaguarda digital como um fazer história pública (Rovai & Rabello, 2011)? Ou então, como ampliar o acesso público à memória gráfica (Leschko, Damazio, Lima, Andrade, 2014) da escola através da utilização de meios digitais conectados em rede?

Considerando a exponencial predominância do contexto digital como campo para pesquisas científicas em história do design, e a evidente escassez de fontes históricas disponíveis para consulta nesta ambiência, especialmente da ESDI, iniciamos um processo de sistematização destas fontes históricas, cuja metodologia experimental descreveremos ao longo do presente trabalho.

O caminho proposto no presente artigo passa por uma reflexão acerca da importância dos meios digitais para ampliar o acesso a fontes históricas da memória gráfica brasileira; seguimos com uma breve apresentação da ESDI - e do seu acervo - e sua relevância na constituição da história do design no Brasil; adentramos em seguida em decisões curatoriais que nos permitiram iniciar o processo de sistematização da memória gráfica da ESDI a partir de marcos celebrativos dos últimos 60 anos; para então concluir com o descritivo das metodologias desenvolvidas para dar conta desse desafio arqueológico que permitiram transpor e contextualizar memórias gráficas impressas nas redes digitais.

2 Onde está a história do design no Brasil na internet?

Instrumentos, ferramentas e mecanismos cibernéticos moldam a maneira como recebemos, experimentamos e refletimos acerca de documentos. Esta mediação digital afeta diretamente os resultados decorrentes do acesso à informação, afetando nossas percepções, práticas e usos (Ponce, 2018). Neste sentido, entendemos que o suporte digital, como meio para salvaguarda e comunicação da memória gráfica brasileira, fortalece a historiografia do design a partir da ampliação do seu acesso e possibilidade de conexão com múltiplas vertentes e movimentos que compõem a história do campo no Brasil.

Aqui compreendido não como um campo unificado, concebemos as Humanidades Digitais (Rollo, 2020) como um conjunto de práticas convergentes que exploram um universo em que a impressão (analógico) não é mais predominante enquanto meio exclusivo, e normativo, no qual o conhecimento é produzido e disseminado. Ao contrário, entendemos que o analógico encontra-se absorvido em novas configurações digitais multimídia que ampliam seu alcance e formato.

Há muito que objetos físicos, sejam documentos, livros, periódicos ou obras, deixaram de ser as únicas fontes primárias de pesquisa. Este conceito já não é mais limitado à fisicalidade das peças. Arquivos eletrônicos, sob um amplo arco tipológico, são, sobretudo desde o início do século XX, considerados fontes primárias (Kirschenbaum, 2013). Inúmeras são as pesquisas amparadas em referências acessadas exclusivamente por meio de dispositivos digitais - não apenas fontes que passaram por um processo de digitalização, mas também que hoje só podem ser encontradas na internet, sendo exponencialmente nato-digitais.

No presente século, a pesquisa acadêmica migrou, em grande escala, para o universo digital. Indiscutível também é o fato de que a pandemia da Covid-19, que se iniciou em 2020, acelerou este processo migratório, considerado, em grande medida, irreversível. Ferramentas de busca, portais acadêmicos, acesso livre a periódicos científicos digitais (frente em que o Brasil é referência), disponibilização de acervos GLAM² e a incomensurável quantidade de conteúdos e dados disponíveis na rede mundial de computadores fizeram da internet um terreno profícuo, e também caótico, para a pesquisa científica; e, por sua vez, a investigação histórica e a historiografia.

Experimentamos, concomitantemente, um importante movimento de descentralização do conhecimento, em uma Academia cada vez mais enredada, e implicada, com a inteligibilidade de sua atuação para audiências conectadas em diferentes espacialidades através dos meios de comunicação digital. É importante, destarte, reiterar o quanto a migração da pesquisa acadêmica para formatos digitais não implica na diminuição da importância de arquivos e documentos físicos, muito pelo contrário. Encontramos no meio digital um canal de comunicação bastante mais abrangente, e universalizante, com potencial para atingir um

² Acrônimo em inglês para o conjunto de instituições culturais que tem como missão prover acesso ao conhecimento 'Galleries, Libraries, Archives and Museums', em português, Galerias, Bibliotecas, Arquivos e Museus.

número maior de pesquisadores. Por isso convém finalmente indagar: onde está a história do design no Brasil aberta na internet?

A história do design no Brasil é apresentada majoritariamente através de livros impressos - raramente tornados acessíveis, de forma aberta, em canais oficiais na internet; diferente de artigos científicos produzidos na universidade brasileira, que são amplamente acessíveis na internet. Buscar pela história do design no Brasil nas redes é como cavar em um sítio arqueológico repleto de vestígios e fragmentos. A busca pelo termo “história do design no Brasil” na internet apresenta resultados oriundos majoritariamente de sites comerciais - escritórios de design e lojas, que abordam superficialmente a história do design no Brasil com o objetivo de atrair clientes. Algumas iniciativas - ‘sítios (de internet) arqueológicos’ fornecem acesso a importantes materiais de pesquisa para a história do design no Brasil, como exemplos, a Brasileira Iconográfica³, a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional⁴, a Enciclopédia Itaú Cultural⁵, a Wikipédia e o projeto WikiDesign⁶, o Espaço Aloísio Magalhães⁷, o portal Memórias do Design Carioca⁸.

Neste cenário, a relevância do presente projeto se torna evidente se considerarmos a escassa presença de relatos e documentos que contam a história da primeira graduação em design no Brasil, na internet - restrita hoje, majoritariamente, ao site da própria escola⁹, artigo na Wikipédia¹⁰ e Enciclopédia Itaú Cultural. Avancemos então para um breve histórico sobre a Escola Superior de Desenho Industrial, que evidencia sua relevância para a história do design no Brasil, e abre caminho para descrevermos as metodologias desenvolvidas para adentrar seu acervo.

ESDI: um dos berços do design moderno no Brasil

Fundada em 1962 e com suas atividades iniciadas em 1963, a Escola Superior de Desenho Industrial emerge a partir do projeto da Escola Técnica de Criação do MAM-Rio, desenvolvido por Tomás Maldonado, mas que nunca chegou a sair do papel, pois não contava com os recursos financeiros necessários para a sua implementação (Souza, 1996). O projeto foi então encampado pelo governador Carlos Lacerda, interessado no fomento do desenho industrial como meio de viabilizar seus projetos desenvolvimentistas e industriais para a cidade do Rio de Janeiro, que havia deixado de ser capital do Brasil em 1960 e necessitava de qualificação da sua mão de obra.

³ Ver <https://www.brasilianaiconografica.art.br/>

⁴ Ver <https://bndigital.bn.gov.br/>

⁵ Ver <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/>

⁶ https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia:Outreach_Dashboard/UERJ/Wikidesign:_métodos_de_pesquisa_em_história_do_design_para_a_Wikipédia

⁷ <https://aloisiomagalhaesbr.wordpress.com/>

⁸ <https://memoriasdodesign.espm.br/>

⁹ <https://www.esdi.uerj.br/historia>

¹⁰ https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_Superior_de_Desenho_Industrial_da_Universidade_do_Estado_do_Rio_de_Janeiro

De 1963 até 1974 a escola funcionou de forma autônoma até que foi incorporada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, em 1975. Em sua concepção, a ESDI tinha como modelo fundacional a Escola Superior de Design de Ulm (HfG) na Alemanha, escola da qual Tomás Maldonado foi um dos diretores, que tinha em suas bases os ideais modernistas de funcionalismo e racionalidade da forma. Seu plano inicial foi também elaborado pelos designers Alexandre Wollner e Karl Heinz Bergmiller, ex-alunos da Escola de Ulm e posteriormente professores no curso (Souza, 1996). A ESDI adotou proposta curricular similar à formulada em 1955 por Tomás Maldonado por ocasião da inauguração oficial da HfG, adotando os mesmos princípios pedagógicos (Melo, 2008). Tal proposta serviu de base para que mais tarde, em 1968, se criasse um novo currículo, aceito pelo CFE - Conselho Federal de Educação, como o primeiro currículo mínimo para bacharelados em desenho industrial no país (Couto, 2008).

A ESDI está instalada em um conjunto de prédios na Lapa, centro do Rio de Janeiro, abrigando salas de aula, oficinas de madeira, metal, prototipagem rápida, gráfica, laboratórios de informática e salas de pesquisa, além de uma biblioteca contendo o maior acervo de livros sobre design da América Latina (Souza, 1996). Ao longo de seus 60 anos de existência passaram pela escola professores e profissionais que colaboraram para dar forma ao campo do design e seu ensino no Brasil, tais como Carmem Portinho, Goebel Weyne, Aloísio Magalhães, Pedro Luiz Pereira de Sousa, Lucy Niemeyer, entre tantos outros. A partir desta breve introdução que evidencia a relevância da escola para o campo, adentramos a seguir no arquivo físico da escola.

O arquivo ESDI

Localizado em uma sala de 28m² nas dependências da escola, dedicada para tal finalidade, os mais de 20 mil registros do arquivo da escola são organizados majoritariamente em um sistema de 28 gabinetes e um total de 112 gavetas, tipificadas [1] por anos administrativos - a partir de 1962, e [2] por gavetas contendo registros de alunos que estudaram na escola. Além disso, três mapotecas que comportam os documentos de grande formato como posters, e também o acervo de designers relevantes como Bea Feitler, designer e diretora de arte que atuou em revistas estadunidenses como Harper's Bazaar, Rolling Stones e Vanity Fair.

Ainda que devidamente acondicionados e organizados, os registros históricos nele presentes encontram-se em processo acelerado de deterioração, dado que o espaço não conta com os meios necessários para sua conservação. Apesar do arquivo não contar com fichas de catalogação, que auxiliam na busca por fontes, o trabalho de sistematização realizado no arquivo pelas diferentes administrações ao longo dos últimos 60 anos viabiliza o acesso físico a pesquisadores interessados em investigar a história do design no Brasil.

Com uma equipe formada por um professor da escola e quatro bolsistas - autores do presente artigo, iniciamos um processo de imersão física no arquivo objetivando o desenho de estratégias sobre como expandir seu acesso por meios digitais. Dotadas de equipamentos de proteção - luvas e máscaras, iniciamos uma investigação coletiva para análise dos conteúdos

que logo nos apresentou um enorme desafio em meio ao incontável número de documentos - cartazes, memorandos, convites, recortes de jornais, cartas, telegramas, fotos, relatórios, comunicados: por onde começar?

3 Metodologia: da gaveta para as redes

Se tornou premente encontrar uma resposta a esta indagação para que pudéssemos dar início às investigações no arquivo e as atividades de digitalização do acervo. Compreendemos então que a viabilidade dos trabalhos passava pela necessidade de tomar decisões curatoriais, ou seja, definir temáticas e estabelecer recortes temporais que nos permitissem não apenas dar início aos trabalhos, mas também dar sentido conceitual aos processos que estávamos prestes a sistematizar.

Foi assim que à luz da celebração dos 60 anos da ESDI, festejados em 2023, optamos por dois recortes curatoriais: o primeiro deles, a investigação sobre os documentos de pré-fundação e fundação da escola, gerados a partir de 1962, que evidenciou um rico material discursivo acerca do design e sobre o momento histórico que viabilizou sua implementação no país; e segundo, um levantamento da memória gráfica e eventos de outros marcos celebratórios de existência da instituição, a saber: 25, 30, 40 e 50 anos. Esta última se justifica principalmente pelo fato de que, a partir destes marcos temporais, é possível levantar um panorama do que estava sendo produzido e estudado em diferentes períodos da ESDI.

Figura 1: da esquerda para a direita: cartazes comemorativos aos 25 anos, criado por Luciene da Silveira e Roberto Granado; 30 anos, por Goebel Weyne e Rodolfo Capeto; e 40 anos, desenho de Goebel Weyne.



Definidos os recortes curatoriais, iniciamos o processo de investigação documental e desenho da metodologia para disponibilização de cópias digitais de parte do acervo físico na internet. Na gaveta do ano de 1962 encontramos o decreto de fundação da ESDI, que foi

utilizado como documento modelo para o desenho das etapas e sistematização da metodologia para os tratamentos subsequentes. São elas: [a] catalogação e metadados, [b] digitalização, [c] salvaguarda, [d] publicação e comunicação. Referências projetuais do campo de digitalização de acervos deram suporte ao desenho da metodologia do projeto, como, o *Manual prático para digitalização de acervos para difusão digital - Museu Portátil*¹¹ (2022). Todo o processo está sendo documentado através do site arquivosdi.org no intuito de tornar os procedimentos metodológicos como conhecimento aberto em rede. Prossigamos para um descritivo de cada uma das quatro etapas do processo.

a. Catalogação e metadados

Nesta etapa o item selecionado é catalogado em uma planilha eletrônica, na qual metadados são criados para descrever o item a partir do seu formato e conteúdo. Ainda que a cópia digital esteja emancipada de sua origem física, decidimos por nomear os itens com o número do gabinete e gaveta em que se encontravam, para viabilizar eventuais buscas físicas a partir do registro digital. Dada a diversidade de tipos de materiais - posters, jornais, cartas, telegramas, fotos, relatórios, comunicados, optamos por nomeá-los a partir de sua tipologia evidenciando o tipo de documento que está sendo catalogado.

Para diferenciar o item de outros registros, criamos um código identificador único (ID) para cada documento, que tipifica o documento, o localiza no arquivo físico e gera uma numeração sequencial única (máximo de cinco algarismos) para os materiais processados no decorrer do projeto. Ao decreto de fundação da ESDI, usado aqui como exemplo, foi atribuído o identificador DEC9100001. DEC corresponde às iniciais de 'decreto', que corresponde ao tipo do documento, 9 corresponde ao número do gabinete, e 1 corresponde ao número da gaveta em que o documento se encontra. Os cinco dígitos subsequentes compõem o contador de documentos processados, o que torna o registro do documento único. Este identificador é utilizado também para compor o nome do arquivo digital correspondente.

A partir da análise dos documentos e referências de outros acervos disponibilizados na internet, definimos os demais campos de metadados que comporiam o conjunto de informações sobre um item digitalizado. Estes campos são descritos abaixo ainda utilizando o decreto de fundação como referência:

1. Gabinete e Número da gaveta: 9.1
2. Nome do arquivo digital: precedido pelo ID único do item e uma breve descrição do item: eg. DEC9100001-decreto-fundacao-esdi.pdf
3. Arquivo digitalizado: ligação para o arquivo digitalizado na nuvem para fácil acesso
4. Nome item: Decreto de fundação da ESDI 1962
5. Data: 25.12.1962
6. Número de páginas: 1

¹¹ <https://w.wiki/4sQf>

7. Descrição: Decreto de fundação de Escola de Superior de Desenho Industrial assinado pelo governador Carlos Lacerda e o secretário de educação Carlos Flexa Ribeiro, no dia 05 de dezembro de 1962 no Rio de Janeiro
8. Assunto: Fundação ESDI
9. Tipologia: Decreto
10. Observação: Decreto foi assinado dia 5 de dezembro de 1962 e publicado no dia 25 de dezembro de 1962
11. Acervo (acervo ao qual o documento pertence): ESDI
12. Autor (caso esteja assinado)
13. Idioma: português
14. Dimensões: tamanho ofício
15. Disponibilidade do objeto: consulta local

Os metadados supra listados estão sendo tratados como dados abertos interligados a partir dos princípios da web semântica W3C¹² - que combina ontologias e metadados de itens do acervo (Marcondes, 2017), criando cruzamentos que resultam em resultados contextuais colocados em relação a outros conteúdos. Este ponto é crucial para que tornemos os itens do arquivo relacionais e não somente entes isolados. Mais adiante descreveremos como este ponto está sendo trabalhado na comunicação.

Figura 2: pesquisadoras do projeto investigando o arquivo ESDI



b. Digitalização

Para executar a digitalização dos itens do acervo escolhidos a partir da decisão curatorial, lançamos mão de alguns métodos pouco ortodoxos, dado que no início do projeto não

¹² <https://www.w3c.br/Padroes/WebSemantica>

contávamos com equipamento de digitalização adequado (scanner). Utilizamos câmeras de alta definição de dispositivos móveis - celulares - apoiados em uma mesa de processamento designada para tal. Uma mesa sem tampo foi posicionada sobre outra mesa - similar, permitindo contarmos com uma estrutura de suporte com quatro lados e vazada no centro. A estrutura serviu também para dar suporte a dois pontos de iluminação de LED. Uma ripa de madeira foi posicionada sobre a estrutura e serviu de apoio ao aparelho celular, permitindo que ele pudesse ser movido em todas as direções, facilitando o enquadramento do item processado. Ainda que posteriormente tenhamos conseguido acesso a um scanner profissional, este método continua sendo aplicado para o processamento de materiais de grande formato, que demandam um distanciamento maior do aparelho de captura da imagem.

Figura 3: suporte improvisado para a realização do escaneamento dos documentos



c. Salvaguarda

É inevitável que os arquivos físicos estejam sujeitos à deterioração devido às dificuldades de conservação que ocorrem na ESDI. A iniciativa de lidar com arquivos digitais pode configurar uma estratégia de salvaguarda eficaz, tornando possível criar espelhos digitais das informações que vêm se deteriorando ao longo do tempo. Todavia, é importante notar que o arquivo digital também está sujeito a instabilidades que podem minar sua existência. Mudanças de softwares, obsolescência de dispositivos, falta de eletricidade e instabilidade em equipamentos de armazenamento são ocorrências possíveis. Neste sentido, optamos por trabalhar com cópias digitais de um mesmo arquivo localizadas em três locais de armazenamento distintos, a saber: um dispositivo de memória portátil (pendrive), o disco rígido local do computador do projeto e o armazenamento em nuvem. Evidente que essa estratégia não é infalível, porém minimiza a probabilidade de eventual perda dos arquivos digitais - ao

aumentar o número de possibilidades de recuperação. Uma quarta opção de salvaguarda também se configura a contar pela publicação dos materiais em diferentes plataformas digitais - como o site oficial da ESDI (<https://www.esdi.uerj.br/>) e o arquivo ESDI aberto (<https://arquivoesdi.org/>), como estratégia de comunicação do acervo, que descreveremos a seguir.

d. Publicação e comunicação

Para além de um projeto que visa a digitalização do acervo ESDI, como estratégia de salvaguarda de suas memórias, o objetivo principal aqui é estabelecer meios pelos quais o acervo seja disponibilizado para pesquisas e interessados em história do design de forma aberta. Neste sentido, intenciona-se configurar as cópias digitais como memória gráfica disponível como conhecimento livre, que possam estar em relação contextual com diferentes períodos da história do design, além de conectar com outras redes de memória e história do design no Brasil na internet. Contextualização e conexão se tornam possíveis quando o formato de metadados utilizados permitem a intercomunicabilidade entre plataformas e os materiais gerados possam ser utilizados para publicação em diferentes suportes, como eventos, formato stories.

Tomemos o marco celebratório dos 25 anos da ESDI, por exemplo. Documentamos uma série de eventos que aconteceram para marcar a data naquele ano de 1988. Em nossa plataforma, construímos uma página sobre estes acontecimentos, gerando um conteúdo que contextualiza a memória gráfica e descreve, textualmente, o que aconteceu naquele ano¹³. Esta publicação é construída para que então seja publicada nas páginas de história do site oficial da ESDI e seção de Eventos e nos 'stories'. A diversidade de formatos possíveis de publicação no câmbio digital nos permite atingir uma diversidade maior de público e, assim, ampliar o acesso à história do design no Brasil.

Considerações finais

Assim, convém salientar que os arquivos digitais gerados a partir da metodologia supracitada, armazenados em diferentes dispositivos de memória e comunicados em plataformas, ganham novos formatos e usos, desvinculados do arquivo físico do qual origina, aquele presente nas gavetas do arquivo ESDI. A imagem de um arquivo fixo, repleto de poeira e vestígios da passagem do tempo, dá lugar agora a um arquivo vivo e dinâmico, onde é possível haver trocas de informações e conexões relacionais (Arantes, 2019).

Os registros que aos poucos vamos disponibilizando possibilitam o contato com uma informação que antes exigia deslocamento físico para ser acessada. Logo, o acervo digital adquire uma identidade própria, sujeita às intempéries do mundo digital, e ao mesmo tempo

¹³ <https://arquivoesdi.org/2023/05/11/esdi-25-anos/>

abertas um número infinito de configurações e possibilidades de usos interligados - como referência de pesquisa e para além.

Ainda que as abordagens metodológicas supracitadas tenham nos permitido iniciar o processo de digitalização do arquivo e sistematização da memória gráfica da ESDI, o desafio é enorme. No percurso, nos deparamos com desafios como direitos autorais e os ambientes de publicação digital que ainda teremos que dar conta para configurar o uso livre e aberto destes materiais. Entretanto, seguiremos por entendermos a extrema relevância do conhecimento aberto, bem como a importância da história do design no Brasil tornada pública, como um caminho para um design democrático.

Referências

- Arantes, Priscila. Memória, Arquivo e Curadoria na Cultura Digital. Aurora. *Revista de Arte, Mídia e Política*, vol. 12, nº 34, agosto de 2019, p. 95–109. revistas.pucsp.br
<https://doi.org/10.23925/2019.v34.dossie5>
- Castells, Manuel (2009). *Communication Power*. Oxford: Oxford University Press.
- Couto, Rita Maria de Souza (2008). *Escritos sobre ensino de Design no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Books.
- Kirschenbaum, Matthew (2013). The textual condition: Digital Humanities, born-digital archives, and the future literary. *Digital Humanities Quarterly*, Boston, v. 7, n. 1.
<https://bit.ly/2YaJ13l>
- Leschko, Nadia Miranda; Damazio, Vera Maria Marsicano; Lima, Edna Lúcia Oliveira da Cunha; Andrade, Joaquim Marçal Ferreira de (2014); "MEMÓRIA GRÁFICA BRASILEIRA: NOTÍCIAS DE UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO", p. 791-802 . In: *Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design* [v. 1, n. 4]. São Paulo: Blucher.
<https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/memria-grfica-brasileira-notcias-de-um-campo-em-construo-12694>
- Marcondes, C. H. (2017). Publicando e interligando acervos digitais na Web através das tecnologias de dados abertos interligados. *Revista Brasileira De Biblioteconomia E Documentação*, 13, 2135–2163.
<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/845>
- Melo, Chico Homem de (2008). *O design gráfico brasileiro : anos 60* 2. ed. São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Noiret, S. (2015). História Pública Digital | Digital Public History. *Liinc Em Revista*, 11(1).
<https://doi.org/10.18617/liinc.v11i1.797>
- Ponce, Anacleto (2018). El pasado fue analógico, el futuro es digital. *Nuevas formas de escritura histórica*. Ayer, Madrid, v. 2, n. 110, p. 19-50.
<http://bit.ly/2TP76e7>
- Rollo, Fernanda (2020). Desafios e responsabilidades das humanidades digitais: preservar a memória, valorizar o patrimônio, promover e disseminar o conhecimento. O programa memória para todos. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), Volume 33, Número 69.
<https://www.scielo.br/j/eh/a/5gB3jG5kdsL3MS5pVBrfHzn/?lang=pt>

Rovai, Marta Gouveia de & Rabelo, Juniele - orgs. (2011). Introdução à História Pública. São Paulo : Letra e Voz, 2011.

Souza, Pedro Luiz Pereira de. ESDI: Biografia De Uma Ideia. Rio de Janeiro: Esduerj, 1996.

Sobre o(a/s) autor(a/es)

Guilherme Altmayer, Dr., ESDI/UERJ, Brasil <galtmayer@esdi.uerj.br>

Biatriz Silva de Sousa e Sousa, graduanda, ESDI/UERJ, Brasil <btrzsus@gmail.com>

Carolina Guimarães, graduanda, ESDI/UERJ, Brasil <carol.herme@gmail.com>

Gabriela de Paula Almeida, graduanda, ESDI/UERJ, Brasil <acadgabriela@gmail.com>

Laryssa dos Santos Reis, graduanda, ESDI/UERJ, Brasil <dsreislaryssa@gmail.com>